



ISSN 2177- 3424

Rascunhos Culturais

Revista do Curso de Letras • Campus de Coxim/UFMS

Volume 12 • Número 24 • 2021

Rascunhos CULTURAIS



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

CURSO DE LETRAS - CÂMPUS DE COXIM

REITOR

Marcelo Augusto Santos Turine

VICE-REITORA

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

DIRETORA DO CÂMPUS DE COXIM

Silvana Aparecida da Silva Zanchett

**COORDENADORA DO CURSO DE
LETRAS**

Ivanildo José da Silva

EDITORA-CHEFE

Geovana Quinalha de Oliveira

EDITORA-CHEFE da área de Literatura

Marta Francisco de Oliveira

EDITORA-CHEFE da área de Linguística

Tiana Andreza Melo Antunes

IMAGEM DE CAPA

O espelho Manicongo.

Obra de Kaio Luan Pereira de Aquino

Original Papel A4 Pautado com caneta esferográfica azul e vermelha 2007. Modificação digital Lightoom 2021.

A tela está ligada aos aspectos transformatorios da auto imagem, onde ao olhar o reflexo no espelho surgem as ligações ancestrais que permeiam a expressão ideológica de um corpo disforme que se expande para fora do próprio entendimento de simetria.

Imagem cedida pelo autor.

REVISÃO

A revisão linguística e ortográfica é de responsabilidade dos autores

CÂMARA EDITORIAL

Eliene Dias de Oliveira Santana

Flávio Adriano Nantes Nunes

Geovana Quinalha de Oliveira

Marta Francisco Oliveira

Marcos Amorim

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Paula Squinelo (UFMS)

Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)

Alberto Pinto (ULHT)

Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN)

Clelia Maria Lima de Mello e Campigotto (UFSC)

Edgar César Nolasco dos Santos (UFMS)

Francisco Pereira Smith Júnior (UFPA)

Fulvia Zega (AREIA - Itália)

Glaucia Mumiz Proença (UFMG)

Heloisa Helena Pacheco Cardoso (UFU)

José Batista de Sales (UFMS)

Luis Abel dos Santos Cezerilo (UEM)

Maria Adélia Menegazzo (UFMS)

Marcio Markendorf (UFSC)

Marcos Menezes (UFG)

Sheila Dias Maciel (UFMT)

Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra (UFMS)

Rosângela Patriota (UFU)

Vera Lúcia Puga (UFU)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Coordenadoria de Biblioteca Central – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Revista rascunhos culturais / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. – v.
1, n. 1 (2010)- . Coxim, MS : A Universidade, 2010- .
v. ; 22 cm.

Semestral
ISSN 2177- 3424

1. Cultura - Periódicos. 2. Línguas e linguagem – Periódicos. I.
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

CDD (22) 050

Apresentação

“...seres de difícil identificação e com hábitos noturnos”, descrição designada a uma travesti segundo Exmo. Juiz de Direito da Comarca de Cuiabá em sua decisão.

Diante do exposto, Keila Simpson, a presidente da Associação Nacional de Travestis e pessoas Trans – ANTRA - ressalta: *“Envelhecer será a nossa vingança!”*

Há um tropo corrente em muitas sociedades ao redor do mundo de viés patriarcal-elesiástico de que um deus (o dos judeus e cristãos) criou o homem (leia-se a pessoa humana), dividindo-o única e exclusivamente em macho e fêmea; e este discurso por diferentes razões e legitimado por instituições sociais foi levado à última consequência por muitos Estado-nações. O Estado brasileiro que detém o 1º lugar no *ranking* mundial em assassinatos a mulheres trans pelo 13º ano consecutivo, conforme relatório de 2021/2022 ANTRA e replicados pelo TGEU. Em 29 de janeiro de 2022 este relatório foi entregue em mãos aos cônsul de vários países em reunião promovida pela OPAS/OMS Brasil, em Brasília – DF.

O sujeito, então, que escapa a este tropo binário, homem *vs.* mulher é lançado a toda sorte de violência empreendida pela cisgeneridade heterossexulizadora compulsória, como afirma York (2020). A cisge-

neridade atua como governança sobre o registro subjetivo e individual de cada pessoa, enquanto a heterossexualidade passa a agir como única forma de ação afetiva, tornando-a compulsória, como afirma Rich (2010). Rich, Adrienne. “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.” *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades* 4.05 (2010).

A filósofa estadunidense Judith Butler assevera que o fato de travestis e mulheres trans corporificarem o conceito de performatividade de gênero fora da lógica operacional cishetero, elas não passam incólumes – a média de idade de mulheres trans/travestis mortas no Brasil está abaixo dos 27 anos, quando o recorte leva em consideração a maioria racializada. Pessoas trans/travestis pretas/pardas ainda vivem menos que a grande maioria dos brasileiros. Uma pesquisa que afirma que a expectativa de vida não ultrapassa 35 anos de idade, segue não sendo desmentida pelas agências governamentais. Ainda sobre a performatividade e a repetição dos atos que justificam os corpos, Butler reflete que,

A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2015, p. 26)¹.

Antes mesmo de Butler, Simone de Beauvoir já havia lançado as bases para o pensamento acerca do gênero, com a clássica proposição: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, evidenciando desde 1949,

¹ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

com a publicação de *O segundo sexo*, que o gênero é uma construção cultural-social-histórica e que está para além da parafernália corpórea (a genitália e/ou os demais signos que nos constituem).

Por que essas mulheres (trans/travestis) são vítimas de transfeminicídio? Elas são vítimas de uma sociedade pautada sistematicamente por uma estrutura cisheteronormativa. Desde 2018, o registro cível de qualquer pessoa que considere dissonante do gênero atribuído lhe ao nascimento pode buscar sua retificação. Em 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou crime a prática transfóbica, no entanto, nem a vigência da lei, nem o desenvolvimento das pesquisas no âmbito dos Estudos de Gênero, conseguiram aplacar o *continuum* de violência que culmina com a eliminação do corpo contra sujeitos trans, sobretudo mulheres. O contexto letal é reiterado pelo Estado ao não fomentar políticas de vida e pela sociedade ao se calar à letalidade (POCAHY, 2017).

Por ser uma pauta urgente na agenda política brasileira, reunimos pesquisadoras/es de diferentes áreas do saber para discutir as questões pertinentes às corpos Trans. O escopo da **Rascunhos Culturais** centra-se na área de Letras (Estudos Literários e Linguísticos), mas as diferentes pesquisas no âmbito das Ciências Humanas têm empreendido excelentes contribuições para pensarmos a temática. Assim, o dossiê **A era do Traviarcado** está estruturado de modo TRANSversal, *i.e.*, um pensamento de base horizontal com o intuito de desbaratar os condomínios teórico-acadêmicos, aliando forças, alargando o repertório teórico-crítico, instaurando a política da pluralidade de ideias para destronar não apenas a transfobia/travestifobia – mas também – a lesbo-gay-bifobia. O termo **Traviarcado** para a estruturação deste dossiê veio de empréstimo do título homônimo da música² da compositora e rapper trans Naty Silva, de

² <https://open.spotify.com/album/0JagbsYGXn6qDZHmNK1BMM?si=VJb4QzWmQMKV9AeLH2Vn4A>

nome artístico Killauea. A primeira menção acadêmica foi apresentada por Renata Carvalho (Atriz, diretora, dramaturga, transpóloga e fundadora do Movimento Nacional de Artistas Trans – MONART) no texto “O Corpo Transvestigênera – O Corpo Travesti – Na Arte” encomendado por Sara Wagner York, em 2019³.

A palavra ainda não está dicionarizada, e o material crítico para consulta é escasso apesar da menção, mas já entrou em uso sobretudo por mulheres trans/travestis acadêmicas e ativistas, além de pessoas cis-aliadas. Aparentemente este termo demonstra a mesma raiz semântica de patriarcado, a supremacia/ o poderio do homem, no entanto, o termo se constitui na luta frente ao patriarcado e a outras formas de opressão contra a corpa T. O **Traviarcado**, deste modo, se apresenta como um modelo para a diversidade corpórea que problematiza um corpo hegemônico para a masculinidade e a feminilidade; questiona o binarismo, o reflexo do sexo enquanto constituinte do gênero; reivindica a mulheridade para a sujeita, independentemente da genitália, e também a masculinidade para os sujeitos incoadunantes a suas genitais (leia-se aqui as muitas formas visibilizadas pelos corpos Intersexo). O **Traviarcado** não busca instaurar uma nova ordem comandada por sujeitos trans, tampouco implementar, como muitos ainda pensam, a ideologia de gênero, mas ocupar os espaços no interior da sociedade sonogados historicamente para as corpos T, desterritorializar o Brasil do primeiro lugar no *ranking* mundial em assassinatos a mulheres trans, proporcionar que homens e mulheres trans circulem de forma democrática em espaços públicos, fazer valer a lei contra a transfobia. Em **A era do Traviarcado** está apenas começando e há um grupo de pessoas trans/travestis e cis-aliadas, reivindicando este tempo-lugar porque já não admitimos mais o transfeminicídio, o assédio constante, a injúria, a falta de acessibilidade ao bem estar social, o *continuum* de violência.

³ <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/41816>

As herdeiras de Xica Manicongo⁴, Cintura Fina e tantas outras, exigem que paremos de matá-las! Esse Dossiê é sobre lançar luz a uma parte desta transepistemologia.

Agradecemos a generosidade de Kaio Luan Pereira de Aquino pessoa Queer, enfermeira, fotógrafa e produtora Cultural das Periferias do DF por nos ceder a imagem da capa deste número da Revista. Kaio trabalha os processos de autorretrato em diversas linguagens como a Fotografia, artes visuais, literatura e áudio visual sempre de um ponto de vista transgressor dos padrões estéticos e corporais esperados principalmente de pessoas LGBTQIA+.

Boa leitura para todas, todes, todos, todxs!

Flávio Adriano Nantes (UFMS)

Regiane Corrêa de Oliveira Ramos (UEMS)

Sara Wagner York / Sara Wagner Pimenta

Gonçalves Jr. (UERJ)

⁴ XICA MANICONGO: A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/41817>.